

UMA ANÁLISE DOS MERCADOS DE TRABALHO NO BRASIL E NO CERRADO NORTE MINEIRO COM BASE NO DESENVOLVIMENTO/CRISE DA SOCIEDADE SALARIAL¹

Luciene Rodrigues¹
Casimiro Marques Balsa²
Maria Elizete Gonçalves³

1 Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social /
Departamento de Economia UNIMONTES – Brasil / CesNova - UNL
luciene.rodrigues@pq.cnpq.br

2 Departamento de Sociologia / FCSH- CesNova – UNL
cm.balsa@fesh.unl.pt

3 Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social /
Departamento de Economia UNIMONTES - Brasil
maria.goncalves@unimontes.br

Resumo

Discutir a estrutura e evolução do mercado de trabalho formal brasileiro é tema demasiado abrangente para ser abordado nesta comunicação. Nosso objetivo se limita a construir um quadro de análise de modo a verificar em que medida o crescimento do emprego e do desemprego acompanham ou se distanciam do crescimento da população ativa, procurando assim avaliar a situação do Cerrado norte mineiro em relação a diferentes figuras do desenvolvimento entre as quais se perfila a crise da sociedade salarial. Entre os resultados do estudo, quando consideramos a relação entre a oferta de emprego formal e a PEA, constata-se que estamos em pleno desenvolvimento da sociedade salarial nas três unidades geográficas analisadas (Brasil, Minas Gerais e Cerrado Norte-Mineiro).

Palavras-chave: mercado de trabalho, emprego formal, sociedade salarial

Abstract

Discuss the structure and evolution of Brazilian formal labor market theme is complex to be addressed in this communication. Our goal is to build a framework for analysis to ascertain the extent to which employment growth and unemployment follow or distance from the growth of the labor force, seeking to assess the situation in northern mineiro Cerrado regarding different figures of development among which profiles the crisis of wage society. Among the study's results, when considering the relationship between the formal employment and PEA, it appears that we are in full development of society wage in three geographical units analyzed (Brazil, Minas Gerais and North Mineiro Cerrado).

Keywords: labor market, formal employment, wage society

¹ Este artigo faz parte de pesquisa financiada pela FAPEMIG.

1. Introdução

Diversos estudos mostram que face às mudanças na sociedade, o agravamento das condições de emprego e a falta de perspectivas de geração de renda a partir dos modelos tradicionais de crescimento da economia, têm surgido novas redes de solidariedade perceptíveis no campo da Economia Solidária e em outras ações no âmbito comunitário em diversos países. Mesmo naqueles países que têm passado por uma dinâmica recente de crescimento econômico como o Brasil, nota-se que tal dinamismo não ocorre de modo homogêneo em todos os mercados de trabalho, que as redes de solidariedade desenvolvem-se especialmente junto àqueles setores que em pouco se beneficiam do desenvolvimento da sociedade salarial.

Discutir a estrutura e evolução do mercado de trabalho formal brasileiro é tema demasiado abrangente para ser abordado nesta comunicação. Nosso objetivo se limita a construir um quadro de análise de modo a verificar em que medida o crescimento do emprego (formal e informal) e do desemprego acompanham ou se distanciam do crescimento da população ativa, procurando assim avaliar a situação do Cerrado norte mineiro² em relação a diferentes figuras do desenvolvimento entre as quais se perfila a crise da sociedade salarial.

Ao nível de agregação em que estamos, só podem ser apresentadas evoluções estruturais e isso exige um quadro compreensivo que permita perceber e interpretar os dados. As séries históricas sobre o emprego formal tem o máximo interesse, aos níveis considerados, se comparadas com o potencial da força de trabalho (PEA) e o emprego informal. Adicionalmente, consideraremos a relação entre indicadores de emprego formal e de desemprego.

Para o desenvolvimento desse estudo, essencialmente descritivo, utilizamos dados secundários, provenientes do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Ministério do Trabalho e Emprego, especialmente da Base RAIS/CAGED. As unidades de análise foram o Brasil, o estado de Minas Gerais, a região Norte de Minas e a cidade de Montes Claros.

Este estudo está dividido em três seções, além dessa introdução. Na primeira, discutimos algumas questões relacionadas à sociedade salarial. Na segunda, apresentamos os resultados e discussão. Na terceira, são apresentadas as considerações finais.

² Ou região Norte de Minas.

2. Considerações sobre a sociedade salarial

É importante considerar as orientações modais que resultam da evolução conjugada do emprego formal e da população economicamente ativa. Da conjugação das variáveis em tela sendo consideradas, resulta uma tipologia com quatro orientações significativas: **a)** O desenvolvimento da sociedade salarial supõe que a um aumento da população economicamente ativa corresponda um aumento igual do emprego formal; **b)** No caso de se verificar uma redução ajustada dos dois parâmetros, a sociedade salarial não se expande, mas a sua essência pode ficar salvaguardada; aliás, a obtenção de um equilíbrio adequado entre as duas medidas poderia ser um dos meios de manter viável as bases da sociedade salarial. **c)** A sociedade salarial só começa a ser ameaçada quando os dois parâmetros não se ajustam, seja por que a um aumento da oferta de trabalho formal não corresponde um aumento da mão de obra disponível, seja por que o desenvolvimento do mercado de trabalho formal não acompanha o aumento do crescimento da população economicamente ativa. No primeiro caso, diríamos que a crise da sociedade salarial se associa a uma crise demográfica ou é provocada por um crescimento da oferta de trabalho não sustentado. Nos dois casos, querendo manter o crescimento da oferta de mão-de-obra, a crise pode ser evitada ou resolvida através do recurso à emigração, tanto interna quanto externa. Esta é uma situação de crise típica de contextos centrais e desenvolvidos ou de contextos de economia emergente; **d)** A outra ameaça de crise – a que resulta de um crescimento da população economicamente ativa sem contrapartida na oferta de trabalho formal - pode igualmente receber uma interpretação diferente segundo se trate de uma retração da oferta de um mercado de trabalho já constituído, ou, pelo contrário, quando estejamos perante uma situação em que a ausência ou a fragilidade da oferta de trabalho formal é incapaz de absorver a mão-de-obra disponível, a fortiori se ela cresce. No primeiro caso estamos perante crises de produção (que podem ser mais ou menos estruturais ou setoriais). No segundo caso, a crise só pode ser imputada ao modelo salarial por defeito, na medida em que se considere que ele não é capaz de cumprir as suas promessas de forma consistente e alargada. Considerando os contextos em que a existência de uma forte oferta de mão de obra encontra um mercado de trabalho insipiente, também se poderia pensar que a crise, se crise houver, se deveria mais a um fracasso de outros modos de produção ou à sua incapacidade em desenvolver um modelo de adequação entre oferta e procura de trabalho.

Os efeitos tipológicos que resultam da articulação entre as evoluções do emprego formal e da população economicamente ativa podem perceber-se melhor se aproximarmos o nosso raciocínio da especificidade dos contextos de precariedade que constituem o nosso

objeto de análise. Para tal, vamos desdobrar a evolução da população economicamente ativa em dois dos efeitos que podem observar-se quando a oferta de trabalho é deficitária: 1) o desemprego e 2) o trabalho informal.

A figura que resulta de um aumento da oferta de emprego formal com uma diminuição, ao mesmo tempo, do desemprego, é o caso do desenvolvimento clássico, supondo-se conseguida uma adequação das necessidades de mão-de-obra às competências da força de trabalho disponível. A redução do emprego formal e o aumento, ao mesmo tempo, do desemprego representa, ao inverso, uma situação típica de crise da sociedade salarial.

Uma situação de inadequação das competências dos trabalhadores a necessidades de novas estruturas de produção pode explicar que o mercado de trabalho formal cresça ao mesmo tempo que o desemprego aumente, de forma conjuntural ou estrutural. Já a situação em que os dois parâmetros diminuem pode indiciar uma situação de crise da sociedade salarial atenuada pela fuga dos trabalhadores para a emigração ou para o mercado de trabalho informal. O trabalho informal constitui outra forma de resolver um déficit de oferta de trabalho formal.

As orientações que resultam das evoluções possíveis destes dois parâmetros podem ser assim sintetizadas: **a)** Para além das situações de relações assimétricas em que ao aumento do emprego formal corresponde a uma diminuição do emprego informal (desenvolvimento da sociedade salarial); **b)** ou da situação inversa em que o crescimento do trabalho informal se associa a uma restrição da oferta do trabalho formal (situação de crise); **c)** podemos considerar as evoluções simétricas quando uma redução do trabalho formal não é absorvida pela economia informal (seja por que essa não é uma solução cultural ou economicamente aceitável), mas conhece outros desfechos (desemprego ou imigração...); e, **d)** a situação em que os dois mercados aumentam, denotando um desenvolvimento econômico compatível com a extensão dos dois ou uma situação de dualidade no interior de um mesmo contexto.

As diferentes orientações modais que acabamos de identificar sugerem a existência de configurações ou de conjunturas socioeconômicas distintas. Sem dúvida que estas configurações ou conjunturas estão ancoradas em temporalidades diferentes do modelo econômico perseguido; elas também estão associadas de forma privilegiada a determinados espaços, na medida em que neles se inscrevem temporalidades de desenvolvimento distintas.

Não obstante este enraizamento temporal e espacial das orientações, acreditamos que elas possam coexistir, num determinado momento, no interior de um espaço como aquele

que constitui o objeto central do nosso estudo: o Cerrado norte-mineiro. O desenvolvimento de um novo setor industrial, a reconversão de outro, a desagregação do mundo rural ou a sua transformação, a outro nível, podem produzir efeitos cruzados sobre as migrações, o tipo de atividades ou as estratégias adotadas pelas populações para garantir uma renda.

Quer dizer que as situações sociais e os estatutos econômicos das populações que estudamos podem enquadrar-se em várias das orientações que identificamos, não podendo, por isso ser fechadas em esquemas explicativos abruptos, como seria a referência exclusiva à crise da sociedade salarial ou à crise que resulta da desagregação de um mundo rural, por exemplo. Neste sentido, interessa-nos guardar como referência analítica as tipologias apresentadas no Quadro 01 a seguir.

Quadro 1: Tipologias resultantes da substrução entre “Evolução da Oferta de Emprego Formal (OEF)” e a “Evolução da População Economicamente Ativa (PEA)”.

| | Tipologia que resulta da substrução entre “Evolução da Oferta de Emprego Formal” e a “Evolução da População Economicamente Ativa” | | | |
|---|--|---|--|---|
| | OEF> / PEA> | OEF< / PEA< | OEF< / PEA> | OEF> / PEA< |
| Análise do comportamento possível de variáveis associadas | Desenvolvimento da Sociedade salarial | Regulação da sociedade salarial através de um ajuste da oferta de trabalho, à força de trabalho disponível | Crise da sociedade salarial: Retração da oferta (estrutural ou setorial) ou Incapacidade de expansão | Obstáculos externos ao desenvolvimento da sociedade salarial (Um aumento da oferta de trabalho desfasada com uma diminuição da PEA) Crise demográfica (economias centrais) ou crescimento não sustentado (economias emergentes) |
| Desemprego | Desemprego Diminui Desenvolvimento clássico (com adequação das necessidades de mão de obra às competências da força de trabalho disponível) | Desemprego Aumenta Reestruturação econômica sem absorção da mão de obra anterior ou com imigração forte disponível | Desemprego Aumenta Crise da sociedade salarial | Desemprego Diminui Crise da sociedade salarial contornada ou os seus efeitos atenuados pelo recurso à Informalidade e/ou à Emigração |

Pode-se verificar, a partir da síntese do cruzamento das variáveis (emprego Formal, PEA, desemprego, emprego informal), alguns dos indícios de desenvolvimento ou de crise da sociedade salarial. Com este quadro, buscamos situar a Região do Cerrado Norte Mineiro, comparativamente à média do Brasil, do estado de Minas Gerais e do município polo da região em foco – Montes Claros.

3. Resultados e discussão

Numa primeira aproximação, podemos considerar a estrutura da PEA de acordo com o estatuto – urbano ou rural – do meio no qual a ocupação se exerce. A TAB. 01 mostra que, em 20 anos, entre 1980 e 2000, a população rural baixou de 30% para 16% no Estado de Minas Gerais, evolução similar à verificada no conjunto do país (descida de 30% para 17%). No entanto, a caracterização de grandes espaços, como são os Estados, não permite dar conta da grande diversidade que pode ser observada ao nível dos territórios que os constituem. Assim, quando consideramos, no interior do estado de Minas Gerais, as suas sub-regiões, as tendências que se verificam no conjunto podem registar amplitudes muito diferentes. É o caso da sub-região do Cerrado Norte Mineiro onde, no ano de 1970, a PEA no meio urbano representava apenas cerca de ¼ da PEA total. A tendência para o êxodo rural não excluiu, no entanto, esta região, verificando-se uma redução constante da PEA rural ao longo das décadas, chegando-se, em 2000, a uma taxa de 32%, o dobro do que ela representa no Estado ou no conjunto do país. A inclusão na TAB. 01, a seguir, dos dados relativos ao ano de 1970 enriquece a análise do território mineiro dos Cerrados, dado que este período foi importante na transformação estrutural que leva à desagregação progressiva do mundo rural e ao reforço da população urbana. Esta transformação decorre da intervenção do Estado que promove grandes investimentos por parte do setor empresarial visando um determinado tipo de desenvolvimento econômico no plano regional.

Tabela 01: PEA no Brasil, Minas Gerais, Cerrado Norte Mineiro e Montes Claros, no período de 1970 a 2000, em valor absoluto e relativo (anos selecionados).

| População Economicamente Ativa | 1970 | | 1980 | | 1985 | | 1991 | | 1996 | | 2000 | |
|-----------------------------------|----------------|------------|-------------------|------------|-------------------|------------|-------------------|------------|-------------------|------------|-------------------|------------|
| | Qtde | % | Qtde | % | Qtde | % | Qtde | % | Qtde | % | Qtde | % |
| Brasil Urbana | - | - | 30.249.420 | 70 | 36.172.163 | 73 | 45.630.205 | 78 | 54.965.135 | 81 | 64.391.285 | 83 |
| Brasil Rural | - | - | 12.986.292 | 30 | 13.119.172 | 27 | 12.825.920 | 22 | 13.140.384 | 19 | 13.076.188 | 17 |
| Total Brasil | - | - | 43.235.712 | 100 | 49.291.335 | 100 | 58.456.125 | 100 | 68.105.519 | 100 | 77.467.473 | 100 |
| Minas Gerais Urbana | - | - | 3.321.428 | 70 | 3.963.578 | 74 | 4.951.533 | 78 | 5.974.562 | 81 | 6.988.731 | 84 |
| Minas Gerais Rural | - | - | 1.414.762 | 30 | 1.428.534 | 26 | 1.411.556 | 22 | 1.396.696 | 19 | 1.347.052 | 16 |
| Total Minas Gerais | - | - | 4.736.190 | 100 | 5.392.112 | 100 | 6.363.089 | 100 | 7.371.258 | 100 | 8.335.782 | 100 |
| Norte de Minas Urb. | 75.574 | 26 | 157.535 | 43 | - | - | 280.547 | 58 | - | - | 414.658 | 68 |
| Norte de Minas Rural | 219.106 | 74 | 206.640 | 57 | - | - | 201.271 | 42 | - | - | 196.059 | 32 |
| Total Norte Minas | 294.680 | 100 | 364.175 | 100 | - | - | 481.818 | 100 | - | - | 610.717 | 100 |

| | | | | | | | | | | | | |
|----------------------------|---------------|------------|---------------|------------|---|---|---------------|------------|---|---|----------------|------------|
| Montes Claros Rural | 10.468 | 29 | 6.633 | 11 | - | - | 8.141 | 08 | - | - | 7.543 | 05 |
| Montes Claros Urb. | 25457 | 71 | 54357 | 89 | - | - | 91722 | 92 | - | - | 138518 | 95 |
| Total Montes Claros | 35.925 | 100 | 60.990 | 100 | - | - | 99.864 | 100 | - | - | 146.061 | 100 |

Fonte: MTE / RAIS/CAGED

Constatamos, assim, que tendo participado do processo de urbanização que marca a sociedade brasileira na segunda metade do século passado, a Região do Norte de Minas registrava ainda, no final do século uma população economicamente ativa radicada no mundo rural relativamente não negligenciável – aproximadamente 1/3 do total da PEA. Visto do outro lado, do crescimento da população urbana, este processo traduz-se por: a) um forte crescimento de cidades que, como Montes Claros, exercem uma função de polos de atração no plano regional e b) a parte rural da cidade contracta-se, em 30 anos, de 29% para 5%. O fato deste processo se ter concentrado, massivamente, nos últimos 50 anos e ter sido concretizado pelos atuais habitantes de Montes Claros e marcado a maioria das famílias que aí residem, constitui sem dúvida uma dimensão importante para o nosso estudo. A TAB. 02 apresenta a evolução do emprego formal no período de 1985 a 2010. São considerados o Brasil, Minas Gerais, o Cerrado Mineiro e a Cidade de Montes Claros. A tabela está organizada nos territórios considerados por ordem crescente do aumento da população formal, contabilizada em 2010.

No Brasil, durante o período analisado, o número de postos de trabalho formais quase dobrou de valor, passando de cerca de 20,5 milhões para mais de 44 milhões. Tendo como base o ano de 1985 (1985=100), pode-se perceber que em todas as unidades de análise, a porcentagem de empregos formais mais que dobrou nos últimos 25 anos. O maior incremento de postos de trabalho formais registrou-se, no entanto na região do Cerrado Norte Mineiro, onde o seu valor mais que triplicou, passando de 57 mil em 1985, para mais de 191 mil em 2010.

Tabela 02: Evolução do Emprego Formal no período de 1985 a 2010 no Br, MG, Cerrado Norte Mineiro e Montes Claros, (em valores absolutos e relativos).

| Emprego Formal | 1985 | | 1990 | | 1995 | | 2000 | | 2005 | | 2010 | |
|------------------------------|---------------|-----|---------------|-----|---------------|-----|---------------|-----|---------------|-----|---------------|-----|
| | Vlr. Absoluto | % | Vlr. Absoluto | % | Vlr. Absoluto | % | Vlr. Absoluto | % | Vlr. Absoluto | % | Vlr. Absoluto | % |
| Brasil | 20492131 | 100 | 23198656 | 113 | 23755736 | 116 | 26228629 | 128 | 33238617 | 162 | 44068355 | 215 |
| Minas Gerais | 1836041 | 100 | 2195769 | 120 | 2436243 | 133 | 2803454 | 153 | 3592560 | 196 | 4646891 | 253 |
| Montes Claros | 23884 | 100 | 30838 | 129 | 35363 | 148 | 41963 | 176 | 52320 | 219 | 72263 | 303 |
| Região Cerrado Norte Mineiro | 57493 | 100 | 66193 | 115 | 75890 | 132 | 111689 | 194 | 143161 | 249 | 191251 | 333 |

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego.

Por meio do Gráfico 01 percebe-se que a região norte mineira começa a distanciar-se das unidades territoriais observadas a partir 1995.

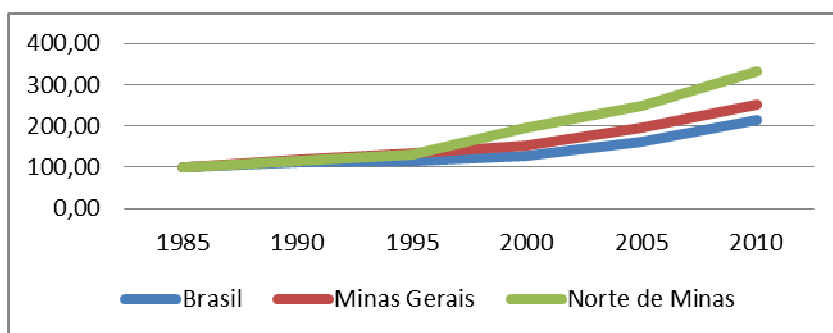


Gráfico 01: Evolução do Emprego Formal Total no Brasil, Minas Gerais e Norte de Minas entre 1985 a 2010. (1985=100)

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego.

O Gráfico 02 apresenta a distribuição dos postos de trabalho formais criados por setor de atividade, sendo apresentados os índices de crescimento entre 1985 e 2010 (1985=100). Embora com índices de crescimento diferentes, nota-se que o setor primário cresceu mais (sobretudo a partir dos anos 1990) no Brasil, em Minas Gerais e no Cerrado do Norte de Minas que os setores terciário e secundário, com exceção da Cidade de Montes Claros, pelo fato de concentrar uma população 95% urbana. O setor que mais cresce é o terciário, seguindo-se o secundário e, por fim, o primário.

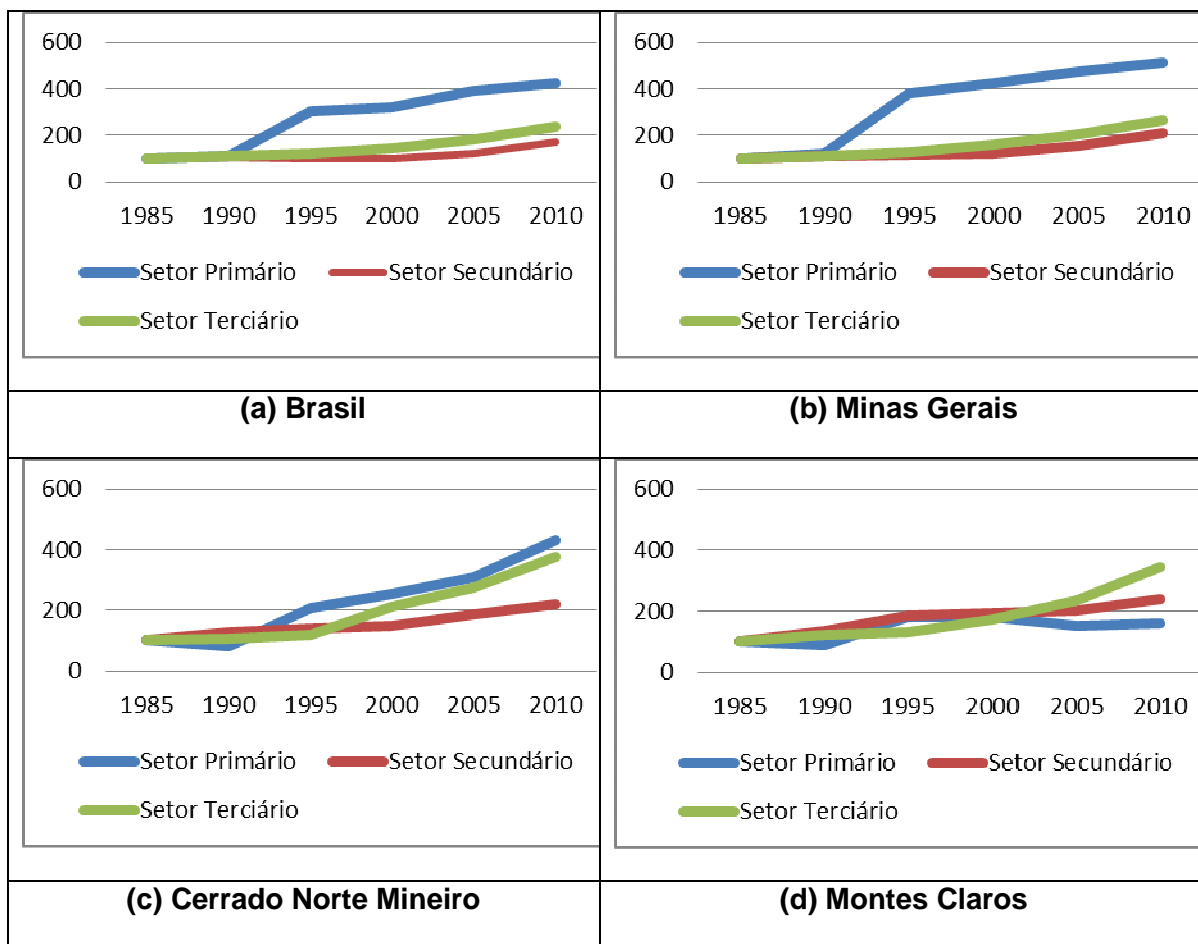


Gráfico 02: Evolução do Emprego Formal por setor de atividade no Brasil, Minas Gerais, Região Mineira do Cerrado e Montes Claros. 1985 a 2010. (1985=100)

Fonte: Elaboração própria com base em dados Ministério do Trabalho e Emprego.

A TAB. 03 mostra a relação entre a evolução do Emprego Formal e da PEA, no período de 1985 a 2009. Considerando os dados disponíveis para o século passado, podemos ver que nesse período a PEA cresceu sempre mais do que a oferta do emprego formal. A primeira década do século XXI marca uma inflexão nessa relação, com a taxa de crescimento do emprego formal mais elevada que taxa de crescimento da PEA: isso acontece no ano de 2000 na região do Cerrado Norte Mineiro e em 2009, no o Brasil e estado de Minas Gerais.

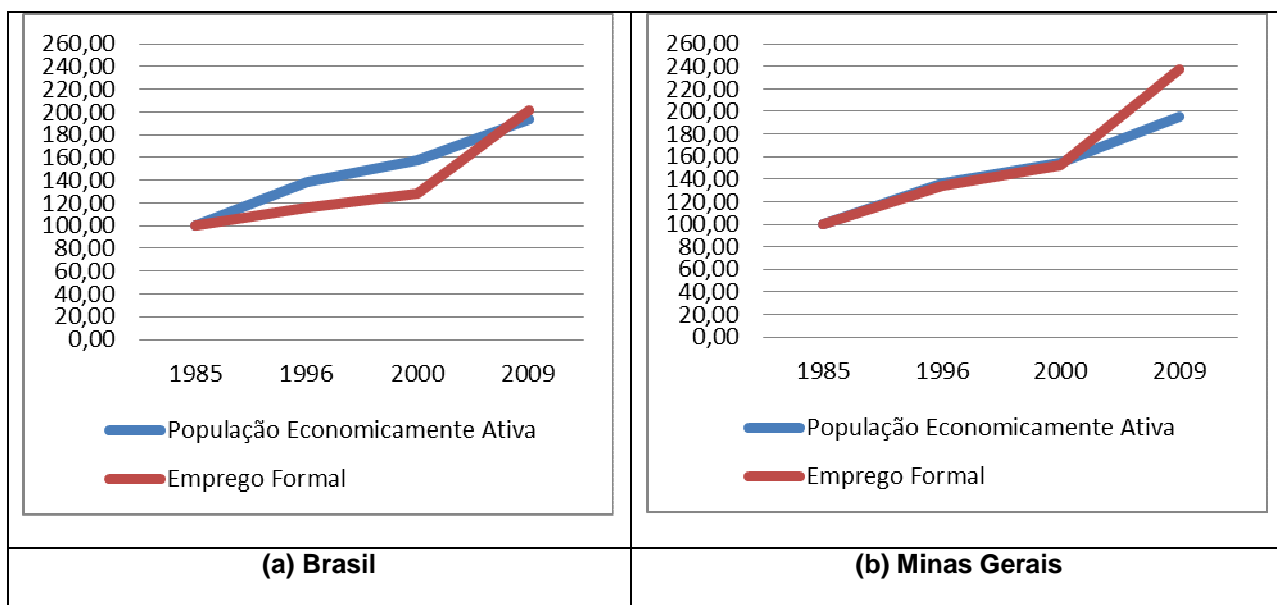
Tabela 03: Evolução da População Economicamente Ativa e do Emprego Formal no Brasil, em Minas Gerais e no Cerrado Norte Mineiro, no período de 1985 a 2009.

| Especificação | 1985 | 1990 | 1996 | 2000 | 2009 | Taxa Crescimento (1985 a 2009) |
|---------------------------------|------|--------|--------|--------|--------|--------------------------------|
| 1- Brasil | | | | | | |
| População Economicamente Ativa | 100 | | 138,17 | 157,16 | 193,50 | 1,9 |
| Emprego Formal | 100 | | 116,29 | 127,99 | 201,09 | 2,0 |
| 2- Minas Gerais | | | | | | |
| População Economicamente Ativa | 100 | | 136,70 | 154,59 | 195,46 | 1,9 |
| Emprego Formal | 100 | | 134,51 | 152,69 | 236,97 | 2,3 |
| 3. Cerrado Norte Mineiro | | | | | | |
| População Economicamente Ativa | 100 | 132,30 | - | 167,70 | - | 1,7* |
| Emprego Formal | 100 | 115,13 | - | 194,27 | - | 1,9* |

Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Ministério do Trabalho e Emprego.

*Taxa Crescimento (1985 a 2000)

O GRÁF. 03 permite a visualizar melhor esses resultados.



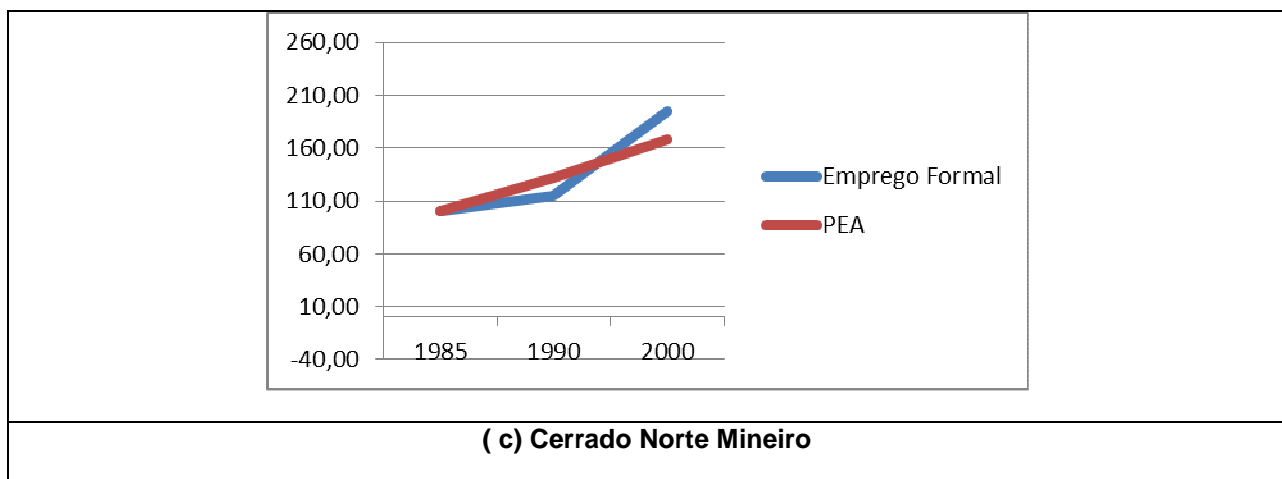


Gráfico 03: Evolução da PEA e do Emprego Formal no Brasil, Minas Gerais e Cerrado Norte Mineiro entre 1985 a 2000. (1985=100)

Fonte: Elaboração própria com base em dados do: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Ministério do Trabalho e Emprego.

A evolução recente da relação entre as variáveis analisadas (PEA e emprego formal) aponta para uma das situações citadas anteriormente, precisamente a que indicava uma situação favorável ao desenvolvimento da sociedade salarial (Quadro 2).

Quadro 2: Tipologia resultante da substrução entre “Evolução da Oferta de Emprego Formal (OEF)” e a “Evolução da População Economicamente Ativa (PEA)”: Brasil, Minas Gerais e Cerrado Norte Mineiro (1985 a 2009)

| | | EMPREGO FORMAL | |
|-----|---------|--|--|
| | | Aumenta | Diminui |
| PEA | Aumenta | Desenvolvimento da sociedade salarial | Crise da sociedade salarial |
| | Diminui | Potencial para melhoria da participação dos salários na renda agregada | Redução do potencial da força de trabalho e da massa de salários = crise da sociedade salarial |

Fonte: Elaboração própria. Dados básicos: IPEA/IBGE/MTE.

Cumprir então identificar os setores que mais empregam e os que têm apresentado maior dinamismo, isto é, que mais têm aumentado a oferta de postos formais de trabalho. A Tab. 04 cumpre essa função, ao trazer dados por subsetores de atividade (em valores relativos). Em Minas Gerais, o setor que mais emprega é o setor público (Administração pública direta e autárquica) que em 2010, ofertava cerca de 882,4 mil postos de trabalho, o que representa 18,99% da ocupação formal no estado. Em segundo lugar, o Comércio

varejista com um total de 755 mil postos de trabalho, equivalente a 16,25%. No estado, a atividade que mais cresceu em termos relativos, foi o Ensino, com variação de 1089,82% de 1985 a 2010. Em termos absolutos, este setor tem uma participação de apenas 3,23% no total do emprego do estado. No que refere à região do Cerrado Norte Mineiro, percebe-se a tendência verificada para o país e estado, apresentando a “Administração pública direta e autárquica” como a detentora do maior número de postos de trabalho formal, com uma total de 51,8 mil postos em 2010, representando 27,06% do total de postos de trabalho do território. Em segundo lugar está o Comércio varejista, com uma participação de 19,22% em 2010. Assim como no caso do Brasil e de Minas Gerais, no território Norte Mineiro a atividade que mais cresceu no período foi a relacionada à Educação. Porém, nesta região esse crescimento foi bem superior aos demais, 3112,97% no período. Chama atenção ainda, o crescimento da indústria de construção civil, que indica o termômetro da economia e, mais recentemente, o crescimento da indústria de extração mineral.

Tabela 04: Evolução do Emprego formal por grande setor e subsetor de atividade: Brasil, Minas Gerais e Cerrado Norte Mineiro – 1985 a 2010.

| Subsetor de Atividade | 1985 | | 1990 | | 1995 | | 2000 | | 2005 | | 2010 | | | | | | | |
|--|------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|------|
| | BR | MG CN M | BR | MG CN M | BR | MG CN M | BR | MG CN M | BR | MG CN M | BR | MG CN M | | | | | | |
| A) SETOR PRIMÁRIO | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal... | 100 | 100 | 100 | 112 | 122 | 80 | 302 | 382 | 209 | 321 | 423 | 252 | 393 | 476 | 310 | 423 | 512 | 431 |
| B) SETOR SECUNDÁRIO | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Extrativa mineral | 100 | 100 | 100 | 84 | 95 | 209 | 70 | 79 | 826 | 70 | 70 | 426 | 94 | 97 | 391 | 135 | 126 | 661 |
| Indústria de produtos minerais não metálicos | 100 | 100 | 100 | 101 | 108 | 121 | 78 | 95 | 97 | 89 | 103 | 131 | 100 | 114 | 149 | 133 | 146 | 178 |
| Indústria metalúrgica | 100 | 100 | 100 | 96 | 100 | 138 | 87 | 86 | 122 | 81 | 80 | 129 | 102 | 101 | 167 | 134 | 125 | 207 |
| Indústria mecânica | 100 | 100 | 100 | 103 | 105 | 258 | 84 | 73 | 72 | 78 | 84 | 26 | 103 | 130 | 140 | 159 | 240 | 95 |
| Indústria do material elétrico e de comunicações | 100 | 100 | 100 | 110 | 120 | 117 | 71 | 163 | 91 | 64 | 149 | 113 | 75 | 231 | 56 | 94 | 285 | 31 |
| Indústria do material de transporte | 100 | 100 | 100 | 97 | 141 | 13 | 82 | 211 | 161 | 76 | 216 | 66 | 106 | 242 | 23 | 150 | 451 | 58 |
| Indústria da madeira e do mobiliário | 100 | 100 | 100 | 95 | 120 | 135 | 93 | 134 | 140 | 111 | 173 | 219 | 120 | 208 | 522 | 131 | 279 | 537 |
| Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica | 100 | 100 | 100 | 110 | 124 | 127 | 110 | 150 | 133 | 107 | 154 | 214 | 117 | 177 | 234 | 140 | 214 | 263 |
| Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas | 100 | 100 | 100 | 108 | 115 | 69 | 69 | 92 | 25 | 64 | 85 | 31 | 81 | 112 | 50 | 95 | 127 | 49 |
| Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria,... | 100 | 100 | 100 | 107 | 110 | 104 | 101 | 141 | 203 | 106 | 211 | 259 | 132 | 284 | 404 | 188 | 369 | 280 |
| Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos | 100 | 100 | 100 | 112 | 125 | 186 | 92 | 113 | 291 | 94 | 125 | 324 | 112 | 156 | 415 | 139 | 175 | 367 |
| Indústria de calçados | 100 | 100 | 100 | 93 | 121 | 108 | 81 | 120 | 5 | 99 | 112 | 5 | 123 | 169 | 11 | 144 | 222 | 1 |
| Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico | 100 | 100 | 100 | 112 | 119 | 78 | 130 | 165 | 80 | 122 | 177 | 68 | 173 | 235 | 68 | 217 | 290 | 98 |
| Serviços industriais de utilidade pública | 100 | 100 | 100 | 110 | 116 | 139 | 129 | 142 | 211 | 99 | 125 | 209 | 117 | 134 | 55 | 137 | 146 | 80 |
| Construção civil | 100 | 100 | 100 | 112 | 102 | 299 | 125 | 131 | 470 | 127 | 126 | 534 | 145 | 158 | 552 | 292 | 264 | 1073 |
| C) SETOR TERCIÁRIO | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Comércio varejista | 100 | 100 | 100 | 113 | 120 | 120 | 128 | 144 | 133 | 168 | 204 | 238 | 238 | 282 | 362 | 330 | 388 | 562 |
| Comércio atacadista | 100 | 100 | 100 | 116 | 123 | 103 | 126 | 145 | 174 | 137 | 153 | 194 | 189 | 206 | 323 | 274 | 303 | 450 |
| Instituições de crédito, seguros e capitalização | 100 | 100 | 100 | 83 | 75 | 71 | 74 | 67 | 43 | 59 | 52 | 41 | 66 | 59 | 48 | 83 | 78 | 71 |
| Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico... | 100 | 100 | 100 | 110 | 104 | 57 | 108 | 88 | 30 | 169 | 226 | 47 | 206 | 176 | 67 | 299 | 260 | 109 |
| Transportes e comunicações | 100 | 100 | 100 | 101 | 106 | 118 | 133 | 135 | 158 | 136 | 134 | 179 | 164 | 162 | 265 | 226 | 215 | 292 |

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação... | 100 | 100 | 100 | 113 | 115 | 131 | 84 | 84 | 97 | 109 | 122 | 129 | 140 | 148 | 206 | 178 | 186 | 336 |
| Serviços médicos, odontológicos e veterinários | 100 | 100 | 100 | 131 | 141 | 125 | 302 | 378 | 363 | 313 | 459 | 432 | 385 | 513 | 471 | 499 | 637 | 748 |
| Ensino | 100 | 100 | 100 | 117 | 96 | 151 | 489 | 602 | 1322 | 514 | 634 | 877 | 579 | 818 | 1640 | 842 | 1190 | 3213 |
| Administração pública direta e autárquica | 100 | 100 | 100 | 109 | 114 | 151 | 124 | 142 | 188 | 134 | 118 | 472 | 172 | 218 | 544 | 203 | 246 | 631 |
| Outros / ignorado | 100 | 100 | 100 | 307 | 1231 | 421 | 45 | 158 | 91 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| TOTAL | 100 | 100 | 100 | 113 | 120 | 115 | 116 | 133 | 132 | 128 | 153 | 194 | 162 | 196 | 249 | 215 | 253 | 333 |

Fonte: RAIS/CAGED

Em Montes Claros (TAB.05) a situação já se difere dos demais territórios analisados, pois no município o maior número de postos de trabalho formal se encontra no Comércio Varejista, com 18,01 mil postos de trabalho em 2010, o que representa um total 24,97% neste mesmo ano. Em segundo lugar na cidade aparece o setor “Administração pública direta e autárquica” que apresenta uma participação de 11,76% para o mesmo ano. Já em relação ao setor que apresentou o maior crescimento, percebe-se que a cidade segue a tendência de maior crescimento no setor de educação, com um crescimento de 2700,63%. Com relação às unidades analisadas, Montes Claros conta com a maior proporção relativa de postos de trabalho formal relacionados ao ensino, 6,16%.

Tabela 05: Evolução da oferta de Emprego Formal por grande setor e subsetor de atividade em Montes Claros, 1985 a 2010.

| Subsetor de Atividade | 1985 | 1990 | 1995 | 2000 | 2005 | 2010 |
|--|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| A) SETOR PRIMÁRIO | | | | | | |
| Extrativa mineral | 100,00 | 110,81 | 301,35 | 172,97 | 60,81 | 382,43 |
| B) SETOR SECUNDÁRIO | | | | | | |
| Indústria de produtos minerais não metálicos | 100,00 | 101,84 | 77,14 | 77,27 | 69,91 | 86,47 |
| Indústria metalúrgica | 100,00 | 105,11 | 58,45 | 62,85 | 91,02 | 125,00 |
| Indústria mecânica | 100,00 | 1000,00 | 25,86 | 153,45 | 256,90 | 408,62 |
| Indústria do material elétrico e de comunicações | 100,00 | 117,31 | 91,67 | 114,10 | 41,67 | 16,03 |
| Indústria do material de transporte | 100,00 | 13,33 | 164,17 | 67,08 | 22,50 | 49,17 |
| Indústria da madeira e do mobiliário | 100,00 | 98,77 | 161,73 | 158,02 | 359,26 | 456,79 |
| Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica | 100,00 | 120,25 | 124,54 | 206,13 | 214,72 | 246,63 |
| Ind. Da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. Diversas | 100,00 | 141,11 | 67,90 | 84,99 | 100,92 | 129,79 |
| Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria,... | 100,00 | 103,88 | 172,46 | 116,44 | 186,63 | 188,90 |
| Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos | 100,00 | 148,07 | 328,78 | 356,80 | 392,28 | 293,20 |
| Indústria de calçados | 100,00 | 105,80 | 4,97 | 5,25 | 0,55 | 0,55 |
| Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico | 100,00 | 97,07 | 144,97 | 151,74 | 114,90 | 175,05 |
| Serviços industriais de utilidade pública | 100,00 | 141,67 | 142,22 | 161,11 | 0,00 | 46,67 |
| Construção civil | 100,00 | 345,87 | 576,83 | 737,39 | 692,20 | 1159,63 |
| C) SETOR TERCIÁRIO | | | | | | |
| Comércio varejista | 100,00 | 114,41 | 124,11 | 203,42 | 275,96 | 408,17 |
| Comércio atacadista | 100,00 | 99,83 | 161,42 | 192,39 | 373,70 | 532,35 |
| Instituições de crédito, seguros e capitalização | 100,00 | 83,13 | 60,48 | 50,89 | 59,41 | 85,88 |
| Com. E administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico... | 100,00 | 74,81 | 27,70 | 95,96 | 115,55 | 187,77 |
| Transportes e comunicações | 100,00 | 125,82 | 155,76 | 147,64 | 184,03 | 221,89 |
| Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, r... | 100,00 | 122,69 | 79,15 | 98,71 | 162,30 | 304,00 |
| Serviços médicos, odontológicos e veterinários | 100,00 | 109,47 | 289,13 | 384,16 | 438,04 | 686,65 |
| Ensino | 100,00 | 130,19 | 1277,36 | 642,14 | 1189,31 | 2800,63 |
| Administração pública direta e autárquica | 100,00 | 197,94 | 191,06 | 238,08 | 334,44 | 343,83 |
| Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal... | 100,00 | 88,80 | 181,71 | 182,43 | 152,94 | 157,94 |
| Outros / ignorado | 100,00 | 585,81 | 164,01 | 1,73 | 0,00 | 0,00 |
| TOTAL | 100,00 | 129,12 | 148,06 | 175,70 | 219,06 | 302,56 |

Fonte: RAIS/CAGED

A TAB. 6 apresenta o *ranking* da quantidade ofertada e da taxa de crescimento de Emprego Formal para os cinco principais subsetores para as regiões analisadas, no ano de

2010. Observa-se que os setores que mais empregam nem sempre foram os que apresentaram maior taxa de crescimento. A estrutura de ocupação é muito semelhante. A diferença maior está na dinâmica do crescimento dos subsetores, especialmente para a Região norte Mineira do Cerrado e para Montes Claros.

Tabela 06: *Ranking* da quantidade ofertada e da taxa de crescimento de Emprego Formal para os cinco principais subsetores para o Brasil, Minas Gerais, Cerrado Norte Mineiro e Montes Claros, 2010

| Subsetor de Atividade | Ranking da quantidade de empregos formais em 2010 e da taxa de crescimento no período de 1985 a 2010 | | | | | | | |
|--|--|------------------|---------------|------------------|---------------------------------|------------------|---------------|------------------|
| | Brasil | | Minas Gerais | | Região Norte Mineira do Cerrado | | Montes Claros | |
| | Qtde. Emprego | Taxa crescimento | Qtde. Emprego | Taxa crescimento | Qtde. Emprego | Taxa crescimento | Qtde. Emprego | Taxa crescimento |
| Administração pública direta e autárquica | 1° | 10° | 1° | 13° | 1° | 5° | 2° | 9° |
| Comércio varejista | 2° | 4° | 2° | 5° | 2° | 6° | 1° | 7° |
| Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico... | 3° | 5° | 3° | 12° | 4° | 17° | 6° | 14° |
| Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, r... | 4° | 12° | 4° | 17° | 5° | 11° | 3° | 10° |
| Construção civil | 5° | 6° | 5° | 11° | 6° | 2° | 4° | 2° |
| Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal... | 9° | 3° | 6° | 3° | 3° | 9° | 11° | 17° |
| Ensino | 7° | 1° | 10° | 1° | 11° | 1° | 5° | 1° |
| Serviços médicos, odontológicos e veterinários | 9° | 2° | 9° | 2° | 9° | 3° | 6° | 3° |
| Indústria de material de transporte | 16° | 14° | 14° | 4° | 23° | 22° | 20° | 22° |
| Indústria Extrativa Mineral | 25° | 19° | 17° | 23° | 19° | 4° | 19° | 8° |
| Comércio Atacadista | 11° | 7° | 12° | 7° | 12° | 10° | 9° | 4° |
| Indústria da madeira e do mobiliário | 18° | 22° | 18° | 10° | 17° | 7° | 18° | 5° |

Fonte: Elaboração própria com base em dados da RAIS/CAGED

O desemprego inclui o percentual de pessoas, com 10 anos ou mais de idade e que, consideradas “ativas” no mercado de trabalho, procuraram, mas não encontraram ocupação profissional remunerada. A Tabela 07 apresenta a informação para o Brasil e Minas Gerais, no período de 1992 a 2009.

Tabela 07: Taxa de desemprego: Brasil e Minas Gerais, 1992 a 2009.

| Unidade/ Ano | 1992 | 1993 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 |
|-----------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Brasil | 7,2 | 6,8 | 6,7 | 7,6 | 8,5 | 9,7 | 10,4 | 10,0 | 9,9 | 10,5 | 9,7 | 10,2 | 9,2 | 8,9 | 7,8 | 9,1 |
| M.Gerais | 7,2 | 6,1 | 5,5 | 6,7 | 7,1 | 9,1 | 9,9 | 10,5 | 10,1 | 10,2 | 9,8 | 9,4 | 8,8 | 8,2 | 6,7 | 8,1 |

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Estes dados mostram que: (1) As taxas de desemprego são mais elevadas no país, em relação à Minas Gerais, durante quase todo o período analisado; (2) depois de uma ligeira descida durante a primeira metade dos anos noventa, as taxas de desemprego sobem entre 1995 e 2005, começando a descer a partir daí; e (3) As diferenças entre as unidades territoriais observadas são relativamente pequenas em alguns anos (ex.: entre 2002 e 2004) e maiores em outros anos. Os resultados indicam que, estando sujeito a condicionantes estruturais que parecem afetar o conjunto do país, no Estado de Minas Gerais esses condicionantes parecem ter efeitos mais atenuados. No Brasil, em termos relativos, observa-se uma queda no setor informal; passando de cerca de 57% em 1992 para 48% em 2009, ou seja, uma queda de aproximadamente 9 pontos percentuais no período (GRÁF. 04).

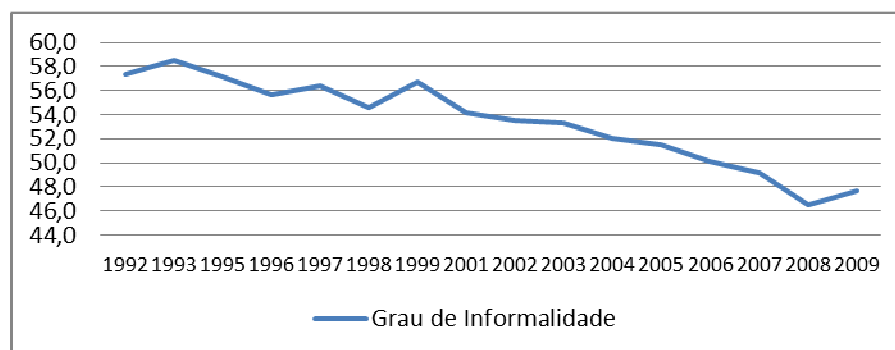


Gráfico 04: Informalidade no mercado de trabalho brasileiro

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

4. Considerações finais

A análise dos dados utilizados nesse estudo revelou que estamos em pleno desenvolvimento da sociedade salarial nas três unidades geográficas analisadas (Brasil, Minas Gerais e Cerrado Norte-Mineiro), quando consideramos a relação entre a oferta de emprego formal e a PEA. Concomitantemente ao aumento do emprego formal, verificou-se uma queda expressiva da informalidade no país (o mesmo podendo ser inferido para as

demais regiões analisadas). Ao analisar a série de dados referentes ao desemprego, para o país e para Minas Gerais, a configuração já não é tão clara, pois ainda que haja expansão do emprego formal e da PEA, ora as taxas de desemprego aumentam, ora diminuem, durante o período analisado.

No que refere à posição no mercado de trabalho, uma contribuição importante deste estudo foi mostrar que as evidências empíricas não permitem afirmar que no Brasil estaríamos diante da crise da sociedade salarial. No entanto, o trabalho chama a atenção para um aspecto importante: se de um lado as estatísticas apontam para um crescimento do emprego formal acima do crescimento da população economicamente ativa, de outro lado, há uma série de elementos que nos leva a relativizar, a ir com mais cautela nas análises sobre as transformações, a dinâmica recente e o comportamento geral do mercado de trabalho formal. Isso porque, não existe apenas um mercado de trabalho e sim vários cujos comportamentos e dinâmicas não são simétricos entre os segmentos sociais: há vários mercados de trabalho e assimetrias entre os segmentos sociais, não captadas em análises de dados com base na média.

Se de um lado o sonho de várias pessoas é ingressar no mercado de trabalho formal, de participar dos benefícios da sociedade salarial, de outro lado, para uma parcela das pessoas, existe uma sedimentação, uma escolha de outro modelo de organização das relações sociais e econômicas, seja pela convicção ou pela possibilidade de autogestão do tempo de conciliação com os trabalhos de cuidado da família.

5. REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

BAJOIT, G. (2006). **Olhares sociológicos, rostos da pobreza e concepções do trabalho social**. In: Casimiro Balsa, Lindomar Wessler Boneti & Marc-Henry Soulet (Org.). *Conceitos e Dimensões da Pobreza e da Exclusão Social: Uma abordagem transnacional*. Ijuí, Ed. da Unijuí.

BALSA, Casimiro. L'exclusion et l'espace, espaces d'exclusion. In: SOULET, Marc-Henry (Ed.), **Quel Avenir pour l'exclusion?**, Col. Res Socialis, Academic Press Fribourg, 2004, pp.163-186.

BOURDIEU, P. (2006). **As estruturas sociais da economia**. Lisboa, Campo das Letras.

CANO, D. J. **El método comparativo: debates recientes – una bibliografía**. V. I e III. *Cadernos do Doutorado*, n. 8. v. II. Paul G. Little/José Berdugo, Gustavo Castro.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **A Reemergência das redes de solidariedades microterritoriais na formação da política social contemporânea**. In: São Paulo *Perspect*: v.11(4):16-21, 2008. Disponível em <http://www.seade.gov.br/produtos/ssp/v11n04-02.pdf>. Acesso em 02/06/2011.

CASTELLS, M. (1999). **A sociedade em redes**. São Paulo, Paz e Terra.

DAL ROSSO, Sadi; FORTES, José Augusto Abreu Sá. **Condições de trabalho no limiar do século XXI**. Brasília: Época, 2008.

FARIA, V. (2000). **A Política Social no Brasil: Uma Perspectiva Comparada**. In Políticas Públicas de Trabalho e Renda e Controle Democrático. FLACSO/FAT. Editora UNESP, UNESCO/Orealc e Ministério do Trabalho. Brasília.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de LAVILLE, Jean-Louis. **Economia Solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GOMES, Jerusa Vieira. **Família: cotidiano e luta pela sobrevivência**. In: A família contemporânea em debate. São Paulo: Cortez, 2003.(pág. 61-72)

HESPANHA, P. & CARAPINHEIRO, G. (orgs.) (2001). **Risco Social e Incerteza. Pode o Estado Social Recuar mais?** Porto, Edições Afrontamento.

LAVILLE, Jean Louis. **Com Mauss e Polanyi: Rumo a uma teoria da economia plural**. In: MARTINS, Paulo Henrique; NUNES, Brasilmar Ferreira (orgs.). A nova ordem social. Perspectivas da solidariedade contemporânea. Brasília: Pararelo 15, 2004.

LAVINAS, L. (2002). **Pobreza e exclusão: traduções regionais de duas categorias da prática**. Econômica, v. 4, p. 25-59.

MATOS, Ralfo (org.). **Espacialidade em Rede: população, urbanização e migração no Brasil contemporâneo**. Belo Horizonte:C/ Arte, 2005.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro Setor e questão social: Crítica ao padrão emergente de intervenção social**. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Carlos Roberto. **História do Trabalho**. São Paulo: Ática, 1995.

POCHMANN, Márcio. **Desempregados do Brasil**. In: ANTUNES, Ricardo (org.). Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil. São Paulo: Baitempo, 2006.

RAZETO, Luis. **O papel central do trabalho e a economia de solidariedade**. Revista proposta. Nº 75 dezembro fevereiro de 1997.

RODRIGUES, L., Cardoso, Antônio Dimas. **Pobreza, desigualdade de renda, mobilidade social no Brasil e os seus determinantes: 1981 a 2007** In: 1º Congresso de Desenvolvimento Regional de Cabo Verde / 15º Congresso da APDR, 2009, Cabo Verde. **Redes e Desenvolvimento Regional**. , 2009.

RODRIGUES, L. Pós-neoliberalismo? **Uma análise da territorialização das Políticas Públicas no Brasil e Portugal**- ISBN: 9788461304912 In: XIV Seminario Académico APEC Compartiendo el Conocimiento, 2009, Barcelona. XIV Seminario Académico APEC Compartiendo el Conocimiento, 2009. v.1. p.119 – 128

Romanelli, Geraldo e Bezerra, Neuzeli Maria de Almeida. **Estratégias de sobrevivência em famílias de trabalhadores rurais**. Paidéia, FFCLRP-USP, Rib. Preto, 1999. site Google em 08/01/2010.16 horas

ROSANVALLON, P. (1995). **La nouvelle question sociale –repenser l’Etat Providence**. Paris, Seuil.

ROSANVALLON, Pierre. **A crise do Estado Providência**. Goiânia: UnB/UFG, 1997.

SIES, **Sistema Nacional de Informações de Economia Solidária**: 2005/2007.

SINGER, Paul. **Economia solidária: um modo de produção e distribuição.** In: SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de (orgs.). A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2003.

SINGER, Paul. SOUZA; André Ricardo de. (orgs.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego.** São Paulo: Contexto, 2003.

ZEBRAL FILHO, Silvério Teles Baeta. **Globalização, desemprego e desigualdade: evidências, mitos e desafios do mercado de trabalho brasileiro.** Brasília: CRUB, 1997.